



SE ESSA RUA, SE ESSA RUA FOSSE MINHA- a criação de uma utopia urbana no entorno escolar a partir da percepção ambiental.

MARINA MECABÔ¹; LIGIA MARIA CHIARELLI ²;

¹Universidade Federal de Pelotas – marinamecabo@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - biloca.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado dedica o olhar à um espaço urbano particular: a interface imediata de conexão entre a escola e a cidade. Este é um lugar comum e cotidiano, presente em todo território nacional. Parte de sua singularidade deve-se ao público frequentador: crianças, e também a vocação social de trocas e encontros proporcionada pela instituição escolar. Porém, a força que constrói cidades mostra-se pouco sensível para essas relações e dificilmente olha para as necessidades e desejos desse grupo específico de habitantes. Torna-se um desafio identificar as necessidades urbanas infantis e as potencialidades deste ambiente para que ele se torne efetivamente um território educativo, promotor da vida em comunidade, um espaço destinado ao aprendizado integral que extrapole os muros institucionais e se relacione com a cidade.

Leva-se também em conta que as escolas tem um poder singular de catalizar mudanças e fortalecer comunidades. As cidades estão cada vez mais parecidas entre si, caminham para perder sua força como coletividade e sucumbir ao individualismo (IBÁÑES,2019). Nesta sociedade desarticulada, elas se tornam solo fértil para propagação de notícias falsas; os habitantes perdem as referências e não tem fontes próximas em quem confiar (SANTOS,2020). Em um momento de instabilidade e questionamento das instituições públicas de educação, Santos aponta um caminho de enfrentamento através do fortalecimento das articulações locais (2020). Desta forma, para além de ser fortalecido como espaço educativo, é importante experimentar e sonhar na cidade afim de desenvolver alternativas urbanas para uma vida cotidianamente social, uma cidade apropriada onde o encontro com a diferença nos provoque reconhecimento e articulação política .

Este estudo se insere na área de Percepção Ambiental e tem como ponto de interesse aspectos da relação recíproca entre o usuário e o espaço (ELALI, 2002). Acredita no efeito ambiental sobre o comportamento humano e as possibilidades práticas de estimular novas relações na cidade de forma que o usuário, entendendo-se como agente de direito, possa alterar o espaço público de forma a atender suas necessidades. Assim, metodologia utilizada é uma combinação entre a análise técnica e a percepção dos usuários do espaço. Ela se desenvolve através de revisão bibliográfica, ferramentas de avaliação do lugar, entrevistas e questionários. Isso porque tem como objetivo identificar as potencialidades de uma apropriação urbana pedagógica comunitária e desenvolver um projeto de adequação do espaço para esse uso.

Assim, coloca-se como objetivos específicos dessa pesquisa: identificar as especificidades infantis em relação ao ambiente educacional, urbano e lúdico; caracterizar a situação de inserção urbana escolar; categorizar a relação desenvolvida entre moradores locais e as instituições de ensino; identificar os desejos e necessidades das crianças em relação a cidade e, por fim, articular as recomendações do Departamento Nacional de Transito (DENATRAN,2000) para áreas escolares com as especificidades locais numa proposta de adequação do



entorno escolar às necessidades de quem o usufrui. O presente resumo objetiva traçar um panorama geral da pesquisa e relatar os primeiros achados referentes a etapa de observação e reflexão sobre a situação estudada.

2. METODOLOGIA

Este trabalho utiliza de metodologia qualitativa que parte da coleta de dados monológicos e dialógicos. A etapa monológica se constitui do olhar da pesquisadora enquanto Arquiteta e Urbanista sobre uma situação estudada no Centro da cidade de Pelotas: o cruzamento entre as ruas Almirante Barroso e Tiradentes, onde estão localizadas duas instituições educacionais: uma escola municipal, que me refiro no trabalho como Escola Rosa, e uma instituição privada, a que chamo de Colégio Laranja (cores predominantes na altura dos olhos infantis). Os dados dialógicos são aqueles que utilizam uma série de ferramentas afim de compreender a situação de pesquisa a partir do olhar dos usuários locais (MAINARDES; MARCONDES, 2011).

O olhar da pesquisadora se dá através da observação das dinâmicas estabelecidas entre os escolares e o espaço urbano, seguida por aplicação de ferramentas de análise técnica afim de verificar o cumprimento da legislação específica para áreas escolares do Departamento Nacional De Trânsito (DENATRAN, 2000). As ferramentas de troca com os usuários se darão de forma remota através de questionário com moradores do entorno, entrevista com mães de estudantes e aplicação do poema dos desejos como ferramenta de escuta infantil.

A análise dos dados coletados nos questionários será feita por meio de softwares estatísticos afim e caracterizar os níveis de Senso de Lugar predominantes na região. Os dados oriundos de entrevistas serão verificados através dos atributos de Percepção de Risco e Senso de Comunidade. A partir na análise desses dados será elaborada uma proposta de adequação articulando a legislação do DENATRAN e os desejos da população.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os registros de observação mostram a diferença na relação entre as duas escolas e a rua. Além estarem inseridas de forma diferente na paisagem: a Escola Rosa é ladeada por um pátio de atividades visualmente permeável e o Colégio Laranja fechado com muros altos. A observação dos períodos de entrada e saída de turnos permitiu identificar que as dinâmicas de utilização do espaço público também divergem no sentido de reforçar essa forma de inserção. Enquanto na Escola Rosa uma maioria de adultos ocupa a calçada e faz o muro de banco, no Colégio Laranja forma-se um corredor de veículos de transporte escolar que compromete a visibilidade da rua.

Em conversa com membros da equipe da escola municipal foi possível identificar algumas implicações dessa diferente inserção. A escola que se abre pra rua possibilita a relação com outra instituição educacional que funciona em forma de Campus aberto disperso na cidade: a Universidade Federal de Pelotas. Em conversa com duas alunas do ensino fundamental foi relatado que “a gente gosta desses estudantes, esses que sempre passam aqui e ficam pela praça, eles são normais mas um pouco loucos, a gente quer ser assim também”. Essa observação ficou latente nos meus pensamentos como uma evidência da importância e efetividade do contato visual direto e do campus universitário



disperso pela cidade. A Universidade se faz um pouco mais próxima com suas pessoas normais passando pela escola.

Em outra conversa, com uma educadora da Escola Rosa, perguntei a ela sobre essa relação tão direta da escola com a calçada. Ela disse que essa é uma característica muito ruim, que ela tem que ficar o tempo todo mandando as crianças se afastarem da grade e que já solicitaram o fechamento, mas a escola é tombada como patrimônio histórico, então o pedido não pode ser atendido. Acrescentou que a escola da frente é uma maravilha, toda fechada, ninguém se intromete. Neste ponto da conversa alguns familiares já aguardavam na calçada. Falei para ela que eu acredito que a rua poderia ter mais estrutura para essa espera, e ela prontamente respondeu: “deusulivre bancos, se der comodidade demais os pais vão morar aqui”. A educadora Éda Luiz, nos fala que essas posturas de fechamento da escola diante de novas possibilidades advêm do medo da mudança e do medo da exposição. A divisão de poder é assustadora para a escola tradicional. Quando a escola se abre, deixa de ser o todo e passa a fazer apenas uma parte do trabalho, há medo de perder seu padrão de funcionamento: o controle. Ela ressalta que esse medo deve ser combatido uma vez que quando bem trabalhada, a relação com a comunidade fortalece a ação da escola (LUIZ, 2019).

Em continuidade, falei que pelas memórias da minha infância, acredito ser a rua um rico lugar para as experiências e brincadeiras infantis. Nesse momento a postura dela mudou, disse que estar na rua era muito melhor em outras épocas e lembrou com alegria que seus filhos só entravam em casa para comer e dormir. Falou que isso mudou muito e hoje as crianças só ficam no celular, que isso não faz bem para elas pois não prestam mais atenção nas coisas de verdade. Completou que a rua hoje é muito perigosa, mas que é um lugar que faz falta. Nesse momento compreendi a importância de evocar as memórias de infância das educadoras (TIRIBA, 2018). Além disso, para ressignificar a relação com a rua, esse é o momento da retomada, quando convivemos com gerações que ainda lembram desses prazeres.

Outro fator que não passou despercebido na etapa de observação foi o conflito de classe representado pela coexistência espacial de duas escolas que atendem um público socioeconômico diferente. Em conversa com educadoras do Colégio Laranja, foi relatado que talvez não fosse possível a promoção de eventos que integrassem as duas escolas sob o argumento de que os alunos da instituição privada são muito pequenos. Assim como o Colégio Laranja, a Escola Rosa é uma instituição que atende alunos até o Ensino Fundamental. Então a idade não justifica o receio de contato. A arquiteta Mayumi Souza Lima, refletindo sobre infância e classe social, relata que nas cidades pré-industriais as ruas eram apropriadas por brincadeiras de criança. A rua era realmente utilizada como extensão das casas, ao mesmo tempo lugar público e privado, era lugar privilegiado de encontro, importante local de recreação da classe trabalhadora. Com o tempo essa ocupação foi reprimida, policiada afim de evitar tumultos e garantir o “decoro” da rua. Esse conceito de decoro estava diretamente ligado ao medo da burguesia em relação ao perigo representado por essa articulação (LIMA, 1989). Desta forma, as classes pobres foram gradativamente percebidas como perigosas.

4. CONCLUSÕES

A conclusão dessa etapa permite afirmar que aspectos de inserção arquitetônica na malha viária, tanto no caso da Escola Rosa, quando no caso do Campus disperso da UFPel, são capazes de reverberar olhares e reconhecimento entre a população. Além disso, observou-se que na cultura escolar há um medo relacionado a vivência da criança com o outro e com a rua, sendo necessário compreender os fatores que corroboram para essa percepção de risco e os elementos urbanos capazes de sustentar as possíveis interações entre a escola e a cidade, aumentando a percepção de segurança para possibilitar a conexão entre as comunidades educacionais e a comunidade local. Espera-se que a reflexão gerada com a pesquisa contribua para o conhecimento em prol da melhora dos espaços educacionais e, através de dinâmicas participativas entre técnicos e usuários, chegar a uma ação de intervenção urbana, capaz de promover estratégias que alterem e até perturbem esse ambiente chegando a ressignificar o olhar sobre o espaço, e instigar a articulação enquanto comunidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DENATRAN, **Manual Brasileiro de Sinalização de Trânsito: Sinalização de áreas escolares**. Brasília, DF, 2000.

ELALI, G.V.M.A. **Ambientes para educação infantil: um quebra cabeça?** . 2002. Tese de Doutorado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

IBÁÑES, M.R. Ressignificando a cidade colonial extrativista. In: Org. DILGER, G.; LANG, M.; PEREIRA, J.F. **Descolonizar o imaginário**. Editora Elefante, 2019. Cap.08, p.296-336.

LIMA, M.S. **A cidade e a criança**. São Paulo. Editora Nobel, 1989.

LUIZ, E. **Dona Eda Luiz mostra como pedagogos podem transformar a sociedade**. Portal do aprendiz. 24 mai. 2019. Acessado em 13 de junho. 2019. Online. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2019/05/24/dona-eda-luiz-mostra-como-pedagogos-podem-transformar-sociedade/>

MAINARDES, G. ; MARCONDES, M.I. Reflexões sobre a etnografia crítica e suas implicações para pesquisa em educação. **Educação Real**. Porto Alegre, v.36, n.2, p. 425-46, 2011.

SANTOS, B.S. **A cruel pedagogia do vírus**. Editora Boitempo, 2020.

TIRIBA, L. **Educação Infantil como Direito e Alegria**. Rio de Janeiro/São Paulo. Editora Paz e Terra, 2018